

'Era da convergência' na economia global pode estar perto do fim

Guerras, disputas comerciais, mudanças climáticas e novas tecnologias como a IA levarão à 'reconfiguração' do PIB mundial

Da Bloomberg News
NOVA YORK

O ano de 2024, até agora, traça um cenário benévolo de uma economia global vibrante caminhando para um pouso suave. Infelizmente, esse mesmo mundo está se tornando mais perigoso, dividido, endividado e desigual. As razões para o otimismo a curto prazo são claras. Uma economia resiliente nos Estados Unidos desafiou as expectativas de que a alta da taxa de juros pelo Federal Reserve (o banco central americano) levaria a uma recessão. Na Alemanha, a indústria dá sinais de recuperação. Na China, o turismo doméstico no feriado do Ano Novo Lunar foi mais vibrante do que em 2019, e as fábricas produzem em ritmo intenso.

De perto, porém, o que se vê é um mundo cheio de riscos geopolíticos, como mostram as tensões crescentes entre Israel e Irã, depois de este lançar drones e mísseis sobre o território israelense, no sábado — o que terá consequências econômicas globais.

Para o ministro de Economia da Espanha, Carlos Cuervo, "o cenário não é tão positivo" para uma economia global, que agora embarca em uma grande "reconfiguração" impulsionada pela geopolítica e mudanças tecnológicas. — A curto prazo, eu estaria mais otimista com a Espanha do que com o que está acontecendo a nível global, ou mesmo na União Europeia.

O que preocupa Cuervo e outros políticos é que a reconfiguração da economia global, à medida que os países se organizam em blocos geopolíticos e adotam tecnologias disruptivas como a inteligência artificial (IA), ameaça levar a um cenário de crescimento global mais lento, com ganhos concentrados em alguns poucos vencedores do mundo rico. Nos cinco anos anteriores à pandemia, o crescimento global foi, em média, de respeitáveis 3,4%.

COMBINAÇÃO PERVERSA

Mas, agora, o Fundo Monetário Internacional (FMI) alerta que o crescimento nos próximos cinco anos provavelmente será o mais fraco em mais de três décadas. Em meio a guerras — tanto clássicas como comerciais e tecnológicas —, empresários e investidores enfrentam o fim de uma era em que reinavam o livre comércio e a ascensão de uma nova classe média em economias em desenvolvimento.

Agora, eles vislumbram um futuro em que a produção e as vendas podem vir de mercados dos próximos. Os países pobres foram atingidos por choques causados por mudanças climáticas, pesados encargos da dívida e o salto nos preços dos alimentos, devido, em parte, à guerra na Ucrânia. Essa combinação perversa resultou no aumento da imigração, levando a cri-

ses políticas nos países ricos.

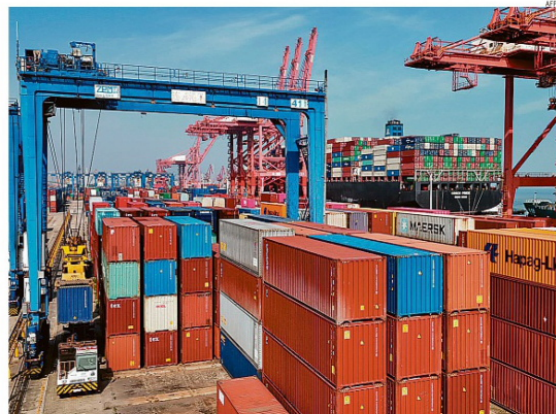
Maurice Obstfeld, analista do Instituto Peterson de Economia Internacional, que já foi economista-chefe do FMI, avalia que a economia global está em um "ponto ótimo", mas este não é muito sólido. Além das mudanças climáticas e das guerras, ele teme que novas tecnologias, como a IA, estejam alimentando bolhas que podem estourar mais à frente.

Analistas do Citigroup preveem uma expansão anêmica de 2,1% para a economia global em 2024 e permanecem pessimistas sobre os efeitos de um período prolongado de juros altos. Economistas do HSBC observam que houve um aumento no comércio mundial, mas alertam que isso ocorre "em meio a sobreposições de conflitos e tensões geopolíticas que podem trazer mais surpresas à frente."



"Países mais pobres e menos desenvolvidos podem ser privados dos benefícios da globalização, à medida que as principais economias se voltam para si mesmas"

— Eswar Prasad, especialista em comércio da Universidade Cornell e do Brookings Institution



Comércio. Contêineres no Porto de Lianyungang, na China: Europa e EUA têm sinalizado a adoção de medidas protecionistas

Há de novo a perspectiva de um barril de petróleo a US\$ 100, e a Bloomberg Economics prevê que uma guerra direta entre Israel e Irã levaria a um mundo a uma recessão.

'POTENCIAL ASSUSTADOR'

Uma tese preocupante que circula em reuniões internacionais, como a do FMI e do Banco Mundial, esta semana, é a de que a crise da Covid-19 pôs um fim prematuro a décadas de convergência econômica, quando a lacuna entre as nações ricas e pobres se estreitou. Em 2022, havia 712 milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza (com menos de US\$ 2,15 por dia) — 23 milhões a mais do que em 2019, segundo o Banco Mundial.

O economista Branko Milanovic, ex-funcionário do Banco Mundial especializado em desigualdade global, diz que ainda é cedo para concluir que a convergência de fato acabou. Mas ressalta que ficou muito mais difícil reduzir a disparidade entre economias avançadas e em desenvolvimento.

O crescimento da China representou muitos dos ganhos nesse sentido ao longo dos últimos 30 a 40 anos. Agora que

o país é classificado como de renda média-alta, a melhoria contínua nos padrões de vida aumenta a desigualdade mundial, explica Milanovic.

Os sinais apontam o surgimento de novas guerras comerciais. Pequim está usando todas as ferramentas para estimular a produção e exportação de veículos elétricos e painéis solares, e para alcançar a vanguarda tecnológica em semicondutores. Isso preocupa os EUA e outros países industrializados, que investem bilhões de dólares para reduzir sua dependência da China.

Donald Trump, que tenta voltar à Casa Branca, já sugeriu impor uma tarifa de 60% sobre os produtos chineses. Isso poria fim ao comércio entre os dois países, segundo cálculos da Bloomberg Economics.

A União Europeia abriu investigação sobre as exportações de carros elétricos da China. Em Washington, a preocupação é que fabricantes de veículos chineses abram fábricas no México para contornar as barreiras comerciais. Políticas industriais motivadas, em parte, por um maior ceticismo em relação aos benefícios da globalização fincaram raízes nos países ricos, com consequên-

cias para os pobres.

Os subsídios dos países ricos para incentivar a produção local podem significar menos investimento na África Subsaariana e em outros lugares que esperam atrair indústria e crescimento.

— Países mais pobres e menos desenvolvidos podem ser privados dos benefícios da globalização, à medida que as principais economias se voltam para si mesmas — afirma Eswar Prasad, especialista em comércio da Universidade Cornell e do Brookings Institution.

Cuervo afirma que mesmo um mundo se reorganizando em blocos pode continuar negociando e investindo, desde que os países ricos evitem a tentação de "visões protecionistas simples".

As perspectivas, porém, não são boas. Trump lidera nas pesquisas nos EUA, e outros populistas vêm ganhando terreno na Europa.

— A geopolítica do momento, combinada com a terrível situação política nos EUA, tem um potencial realmente assustador — diz Anne Krueger, ex-vice-diretor-geral do FMI, hoje na Universidade Johns Hopkins.

Apple perde liderança global de smartphones para Samsung

Consultoria estima que vendas do iPhone caíram 10% no 1º trimestre

NOVA YORK

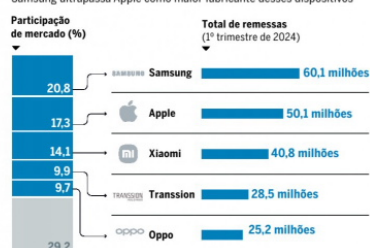
A Apple perdeu a liderança no mercado global de smartphones para a rival Samsung, que voltou ao posto de maior do mundo em volume no primeiro trimestre deste ano, de acordo com a consultoria International Data Corporation (IDC). A reviravolta ocorre apenas três meses depois de a fabricante do iPhone ter conquistado o primeiro lugar do ranking pela primeira vez e se deve à queda de 10% nas vendas de celulares da Apple este ano, enquanto rivais chineses de menor custo, como a Xiaomi, cresceram.

A IDC estimou que as remessas globais do iPhone caíram 10%, para 50,1 milhões, nos primeiros três meses de 2024, ficando aquém da estimativa média de 51,7 milhões dos analistas compilada pela Bloomberg. Isso deu à Apple uma participação de mercado de 17,3%.

É a maior queda para a empresa desde a pandemia, que afetou as cadeias de suprimentos, segundo a IDC. A Apple tem lutado para

VENDAS DE CELULARES

Samsung ultrapassa Apple como maior fabricante desses dispositivos



Fonte: IDC

EDITORIA DE ARTE

sustentar as vendas na China desde o lançamento de seu modelo mais recente, o iPhone 15, em setembro. O avanço de rivais como Huawei e Xiaomi, e o fato de Pequim ter proibido dispositivos estrangeiros no local de trabalho pesaram sobre as vendas da americana.

A queda nas remessas do iPhone é significativa, uma vez que o mercado móvel geral registrou seu melhor crescimento em anos. Os fabricantes de smartphones

enviaram 289,4 milhões de aparelhos no período, alta de 7,8% em relação ao mesmo período de 2023.

O crescimento mais forte do mercado veio de dois fabricantes chineses, na mais recente indicação das dificuldades da Apple na China, maior mercado de smartphones do mundo.

A Samsung, que lançou o Galaxy S24 em janeiro, ficou com uma fatia de mercado de

23%. Suas vendas caíram pouco menos de 1% no período, para 60,1 milhões.

Já as da Xiaomi saltaram 34%, e a empresa atingiu uma participação de 14%.

— O mercado de smartphones está emergindo da turbulência dos últimos dois anos mais forte e mudou — disse Nabila Popal, diretora de pesquisa da IDC. Ela avalia que "será um desafio" para a Apple manter o ritmo de crescimento e o pico de participação que teve em 2023. Nabila ressaltou que, este ano, a IDC projeta que a fatia dos celulares com Android cresçam mais que a daqueles com iOS, o sistema do iPhone.

AVANÇO DO RIVAL LOCAL

Outro fator é que, com a Huawei fabricando seu próprio chip na China, a empresa conseguiu "comer" uma fatia que a Apple mantinha no mercado premium do país a partir de agosto.

— O aumento da concorrência na China responde por boa parte do declínio da Apple no primeiro trimestre — ressaltou Nabila.

Mas a Apple decidiu lutar. Em março, o CEO da empresa, Tim Cook, foi em pessoa à abertura de uma loja no centro financeiro de Xangai. A fabricante do iPhone ainda ofereceu descontos de US\$ 180 no preço dos aparelhos, uma tática incomum para ela.

Desinformação se espalha no Facebook do Canadá

Estudos revelados pela Reuters mostram aumento de compartilhamento de postagens 'não confiáveis'

Desde que a Meta bloqueou links de sites de notícias no Canadá, em agosto do ano passado, a fim de não remunerar empresas de mídia, usuários enfrentam mudanças profundas na forma como interagem com informações sobre política. É o que apontam dois estudos revelados pela agência de notícias Reuters.

— A presença ambiental do jornalismo e de informações verdadeiras em nossos feeds, além dos sinais de confiabilidade que existiam, tudo isso se foi — disse a Reuters Taylor Owen, diretor fundador do Centro de Mídia, Tecnologia e Democracia da Universidade McGill, que trabalhou em um dos estudos.

Segundo o Observatório do Ecossistema de Mídia, projeto das universidades McGill e de Toronto, as postagens de notícias no Facebook recebiam, antes, de 90 milhões a 8 milhões de visualizações diárias no Canadá. Tudo desapareceu.

Jeff Ballingal, proprietário da página de direita "Canada Proud", contou à Reuters que percebeu um aumento nos cliques. Ele publica até dez postagens por dia e tem cerca

de 540 mil seguidores. E afirma que "a mídia vai se tornar mais tribal e de nicho."

Segundo os pesquisadores, a falta de notícias em uma rede social e o aumento da interação com opiniões e conteúdos não checados representam um risco a política, especialmente em anos eleitorais. O Canadá vai às urnas em 2025.

A pesquisa analisou cerca de 40 mil postagens e capturou a atividade dos usuários antes e depois do bloqueio de links de notícias nas páginas de cerca de mil editores, 185 influenciadores políticos e 600 grupos políticos.

Outro estudo da NewsGuard, elaborado para a Reuters, mostra que curtidas, comentários e compartilhamentos de conteúdos classificados de "não confiáveis" subiram para 6,9% no Canadá nos 90 dias após a proibição, contra 2,2% nos 90 dias anteriores.

Gordon Crovitz, copresidente executivo da empresa de checagem NewsGuard, Ele destaca que isso ocorre num momento de "aumento acentuado no número de sites de notícias gerados por IA que publicam informações falsas."